



Artigo original

FACTORES DA PERCEÇÃO DO RISCO DE MOÇAMBIQUE COMO DESTINO TURÍSTICO

Mariamo Abdula

*Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, Universidade Eduardo Mondlane (UEM)
Moçambique*

RESUMO: O risco associado ao turismo é frequentemente discutido como a probabilidade de uma situação negativa ocorrer ao longo do processo de viagem em resultado de crises e ou desastres naturais. Tendo em conta a relevância da influência da percepção do risco nas escolhas dos turistas e consequentemente na dinâmica de um destino turístico, um número considerável de literatura sobre gestão do risco em turismo tem surgido nos últimos tempos. No entanto, poucos fazem referência a destinos africanos que, em geral, sofrem de imagens estereotipadas que conferem percepções globais negativas. Este estudo visa identificar os factores da percepção de risco que os turistas internacionais têm de Moçambique como destino turístico. Com base na revisão de literatura, 29 atributos ou situações de risco associado ao turismo foram seleccionados e avaliados numa escala de *Likert* de sete pontos que através de um inquérito por questionário aplicado online obteve-se 382 respostas válidas. Realizou-se a Análise de Componentes Principais do conjunto de variáveis da escala de atributos de avaliação do risco percebido identificando-se seis factores de percepção de risco que explicam cerca de 66% da variação dos atributos do risco percebido. Dentre os quais destacam-se o “Acesso a infra-estruturas gerais e de turismo com padrões de qualidade”, “Desempenho de serviços de transporte” e “Reputação do destino”. O estudo faz referência dos principais desafios a considerar no desenho de estratégias que estimulam a competitividade do destino.

Palavras-chave: Destino turístico, Moçambique, percepção de risco, turismo internacional.

FACTORS IN RISK PERCEPTION OF MOZAMBIQUE AS A TOURISM DESTINATION

ABSTRACT: The risk associated with tourism is often discussed as the probability of a negative situation occurring throughout the travel process because of crises and or natural disasters. Considering the relevance and influence of risk perception on tourists' choices and consequently on the dynamics of a tourism destination, a considerable number of literatures on risk management in tourism has emerged in recent times. However, few refer to African destinations that generally suffer from stereotyped images that confer negative global perceptions. This study aims to identify the factors of risk perception that international tourists have of Mozambique as a tourism destination. Based on literature review, 29 attributes or risk situations associated with tourism were selected and evaluated on a *seven-point Likert* scale through an online questionnaire, 382 valid responses were obtained. A Principal Component Analysis was performed on the variables set of the scale of perceived risk assessment attributes, identifying six risk perception factors that explain about 66% of the variation. The factors that stand out are "Access to general and tourism infrastructures with standardized quality", "Performance of transport services" and "Destination reputation". The study refers to the main challenges to be considered in the design of strategies that stimulate the destination competitiveness.

Keywords: International tourism, Mozambique, risk perception, tourism destination.

Correspondência para: (correspondence to:) mariamoabdula@gmail.com

INTRODUÇÃO

O turismo a nível mundial registou, nas últimas duas décadas, um crescimento praticamente ininterrupto, enriquecendo os países com investimentos, ganhos em divisas, oportunidades de emprego, permitindo a inclusão social e o

desenvolvimento regional (UNWTO, 2019). Por um lado, o desempenho positivo da actividade turística, encorajou um aumento da competitividade no sector, uma vez que mais destinos turísticos tentam inserir-se no mercado (HONG, 2008; KOZAK *et al.*, 2010; RITCHIE &

CROUCH, 2010). Por outro lado, apesar do seu papel económico, a indústria de turismo mostra-se bastante vulnerável a crises resultantes de desastres naturais e/ou da acção do homem, incluindo ataques terroristas, instabilidade política, guerras, doenças, recessão económica, ameaças à biossegurança e desastres naturais, que contribuem para um crescente senso de insegurança e incertezas (BAKER, 2014; FAULKNER, 2001; RITCHIE, 2004; SÖNMEZ e GRAEFE, 1998). Porém, dentre as crises que possam ter afectado negativamente o turismo, provavelmente nenhuma delas se assemelha aos efeitos negativos provocados pela pandemia COVID-19 (GÖSSLING, SCOTT, e HALL, 2020), que no primeiro semestre de 2020 registou-se o declínio de 440 milhões de chegadas internacional e uma perda de cerca de 460 Bilhões de USD em receitas derivada do turismo internacional, representando um perda global que excede mais de cinco vezes se comparada com a crises económica e financeira de 2009 (UNWTO, 2020). Considerando que os efeitos destas crises contribuem para o crescimento da percepção de riscos e incertezas generalizadas, compreender como os turistas percebem o risco e como reagem a essa percepção é particularmente essencial para sustentar a capacidade de gestão do risco dos destinos turísticos (AMORIM, SOARES e TARLOW, 2015; AVRAHAM e KETTER, 2008; MANSFELD e PIZAM, 2006; HALL, TIMOTHY, e DUVAL, 2003), facto que tem motivado a realização de estudos sobre a percepção do risco.

A percepção do risco no turismo tem sido estudada por mais de 50 anos desde que Bauer (1960) introduziu o termo "risco percebido" na discussão científica, fornecendo uma base para muitos outros significados na literatura (JONAS e MANSFELD, 2017; SOHN e YOON, 2016). No entanto, os estudos nessa área têm revelado grande dificuldade para mensurar este constructo (CUI *et al.*, 2016; JONAS e MANSFELD, 2017). A principal razão é que o conceito é socialmente

construído e psicologicamente orientado (SLEVITCH e SHARMA, 2008). A percepção do risco é vista como um conceito multidimensional (YANG *et al.*, 2015), pois os pesquisadores recomendam outros elementos associados à definição de risco, como ameaça, choque, medo, ansiedade, perigo e incerteza (ADAM, 2015; ASCHAUER, 2010; CHEW e JAHARI, 2014; CUI *et al.*, 2016; LI, PEARCE, MORRISON e WU, 2015; WANG, 2015), elementos que reflectem impactos negativos na experiência turística. No entanto, Wolff, Larsen e Øgaard (2019, p.79), sugeriram que a percepção do risco deve ser entendida como "*severity of negative outcomes weighted by their probability*", em vez de ser teorizada ou medida como "preocupação" ou "ansiedade", nem como "probabilidade". Mostrando a nítida necessidade de os pesquisadores utilizarem um conceito uniforme na materialização das pesquisas para que seus resultados possam ser comparáveis, ainda que diferentes estudos possam ocorrer em diferentes espaços e em diferentes momentos.

O termo percepção do risco é utilizada por pesquisadores científicos em várias áreas. Assim, abordagens e perspectivas teóricas utilizadas no contexto do turismo são emprestadas de diferentes áreas científicas. A maior parte da literatura existente sobre o risco associado ao turismo buscou suporte na teoria de Maslow (1943) para justificar que os turistas tendem a evitar destinos propensos a riscos (YANG *et al.*, 2015). No entanto, Wolff, Larsen e Øgaard (2019) transmitem que a percepção do risco pelo turista não difere da percepção do risco genérico, portanto, todos os resultados de estudos de risco genérico são relevantes no contexto do turismo. Desde a década de 1990, estudiosos da psicologia cognitiva e do comportamento do consumidor vêm estudando o risco turístico (SONMEZ e GRAEFE, 1998), desde então que o conceito de "percepção do risco do turismo" tem registado certa evolução, principalmente no que se refere aos níveis

de influência da percepção do risco durante o processo de viagem e das respectivas consequências na experiência turística. Neste contexto, o risco associado ao turismo é frequentemente discutido como a probabilidade de uma situação negativa ocorrer no processo de viagem como resultado de eventos, sejam naturais ou provocados pelo homem (CHEW e JAHARI, 2014; LEHTO, DOUGLAS e PARK, 2008; SEABRA, ABRANTES e KASTENHOLZ, 2014; SONMEZ e GRAEFE, 1998). Esses eventos, por sua vez, podem agravar o grau de percepção do risco e desestimular as pessoas de viajarem para um destino turístico (FUCHS e REICHEL, 2011; KARAMUSTAFA, FUCHS e REICHEL, 2013; SONMEZ e GRAEFE, 1998).

A literatura existente indica várias abordagens para categorizar a percepção do risco no turismo. Como é o caso de Roehl e Fesenmaier (1992), que identificam três dimensões do risco percebido, nomeadamente risco físico, risco de férias e risco do destino turístico. No entanto, Sonmez e Graefe (1998) apresentam quatro tipos de riscos: riscos financeiros, psicológicos, de satisfação e de tempo. No caso de Quintal e Polczynski (2012), discutiram seis tipos: risco de desempenho, financeiro, psicológico, social, tempo e físico. Mais recentemente, Schroeder, Pennington-Gray, Kaplanidou e Zhan (2013) sugerem sete dimensões do risco percebido: crime, doença, falha física, equipamento, clima, barreiras culturais e crises políticas. Neste contexto, os riscos percebidos pelos turistas podem resultar de problemas relacionado com meio ambiente (desastres naturais), equipamentos (funcionalidade e desempenho), financeiros, saúde, físico ou pessoal, instabilidade política/guerra, psicológico, satisfação/expectativa, social ou cultural, terrorismo e tempo. Esses riscos estão se tornando cada vez mais importantes no contexto do turismo mundial e representam ameaças não apenas para os turistas, mas também para as sociedades anfitriãs.

Moçambique, como destino turístico, é considerado um dos únicos países africanos que oferece uma conjugação de recursos naturais e culturais favoráveis a atracção de turistas com motivações e interesses diversificados (AZEVEDO, 2013; MICULTUR, 2015b). Além disso, o turismo em Moçambique tem uma importância histórica e continua a ser uma prioridade estratégica do governo no processo de combate a pobreza, fortalecida com a instituição de um Ministério de Cultura e Turismo que gere o sector desde de 2000 (Decreto Presidencial N°9/2000 de 23 de Maio define as Atribuições e Competências Do Ministério Do Turismo, 2000). Neste contexto é uma das nações que aposta na actividade turística para impulsionar a sua economia, visando atingir até 2025 mais de US\$2,8 biliões de receitas de turismo externo, mais de 1,8 milhões de chegadas de turistas estrangeiros e contribuir com mais de 83 mil empregos directos (MICULTUR, 2015b). No entanto, apesar de deter potencial turístico, a participação do sector de turismo na economia do país em 2016 foi 1.1US\$bn, muito inferior às médias regionais (2.6US\$bn) e mundiais (57.3US\$bn) (WTTC, 2017). A evolução deste sector foi marcada essencialmente pela conjuntura política desfavorável associada a outros factores de ordem económica, social e ambiental (ASTILL-BROWN e WEIMER, 2010; BATEY, 2014; CIP, CMI e U4, 2016). Aspectos que inibiram o desenvolvimento mais consolidado do país em geral e do sector de turismo em particular, situação agravada pelas restrições impostas ao sector de turismo causadas pela pandemia COVID-19. Restrições que afectaram negativamente cerca de 97% das empresas do ramo de restauração, alojamento e similares no primeiro semestre de 2020 (INE, 2020).

Moçambique, embora tenha alcançado a paz em 1992, após 16 anos de guerra civil e apesar dos esforços do governo nacional em desenhar estratégias de desenvolvimento do turismo e de ter declarado este sector como

um dos sectores prioritários de desenvolvimento para o quinquénio 2020-2024 (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2020), converge para uma percepção generalizada como um destino turístico pouco seguro. Pois apresenta uma certa instabilidade política, uma série de problemas socioeconómicos e regista altos índices de mortalidade causadas por doenças como a malária e o HIV-SIDA (ASTILL-BROWN e WEIMER, 2010; MOÇAMBIQUE, 2014). Adicionalmente, devido à sua localização geográfica na costa sudeste de África e a jusante de vários rios importantes torna o país muito propenso a desastres naturais recorrentes de cheias, tempestades tropicais e secas (GIZ, 2017; INGC, 2014; MOÇAMBIQUE, 2005). Modificar estas percepções com base em estratégias de restauração da imagem pode ser vital para posicionar qualquer região de Moçambique como um destino turístico atractivo para o mercado turístico internacional. Porém, a ausência de pesquisas sobre a percepção do risco de Moçambique como destino turístico dificultam o estabelecimento de estratégias de marketing reais que possam elevar a competitividade do turismo (MICULTUR, 2015b). Neste contexto, existem oportunidades para realização de pesquisas que analisam o estágio actual do turismo, os desafios que o sector enfrenta e apresentem estratégias para fortalecimento da actividade em prol do desenvolvimento do país como um todo. Por estas razões, identificar os factores determinantes da percepção do risco que os turistas internacionais têm de Moçambique como destino turístico constitui um acto inicial e fundamental para orientar as acções de gestão de riscos e fortalecimento do sector de turismo.

Embora a recolha de dados para este estudo tenha sido realizada no período pré COVID-19 (entre Abril e Outubro de 2019), espera-se que os resultados obtidos sejam relevantes para orientar de acções futuras de marketing do destino turístico. Assim, o presente artigo está organizado em quatro

secções. Após esta primeira secção introdutória, na segunda secção apresenta-se a metodologia utilizada na recolha de dados e na análise dos resultados. Na terceira secção são apresentados e discutidos os resultados obtidos. Por fim, na quarta secção, o artigo termina com as principais conclusões e contribuições do estudo, as limitações e possibilidades de pesquisas futuras.

METODOLOGIA

Estudos anteriores que avaliam riscos e seus impactos no contexto turístico recorrem, em sua maioria, às metodologias quantitativas (CUI *et al.*, 2016; KARL e SCHMUDE, 2017; KORSTANJE, 2011; RITCHIE, CHIEN e WATSON, 2014; YANG *et al.*, 2017; YANG e NAIR, 2014). A ferramenta principal de recolha de dados é o questionário onde as questões reflectem possíveis situações de risco no destino e com opções de resposta baseada numa escala ordinal. Esta é uma tendência para suportar a análise quantitativa, principalmente para identificar diferenças estatísticas da percepção do risco. Neste contexto, a abordagem quantitativa adequa-se ao objectivo do presente estudo.

Recolha de dado

Para responder ao objectivo traçado para este estudo realizou-se um inquérito por questionário. O questionário é constituído por 3 secções, nomeadamente: (1) familiaridade com o destino; (2) percepção de risco de Moçambique como destino turístico e (3) perfil sociodemográfico dos inquiridos. No âmbito do presente artigo, foram analisadas apenas as respostas referentes a secção 2.

A secção 2, objecto de análise do presente artigo, é constituída por 29 situações de risco seleccionadas com base na revisão bibliográfica de estudos sobre percepção do risco associado ao turismo (ROEHL e FESENMAIER, 1992; SONMEZ e GRAEFE, 1998; LEPP e GIBSON, 2003; FUCHS e REICHEL, 2004; FLOYD e PENNINGTON-GRAY, 2004;

DOLNICAR, 2005; REISINGER e MAVONDO, 2006a; GRAY e WILSON, 2009; RITTICHAINUWAT e CHAKRABORTY, 2009; LEPP, GIBSON e LANE, 2011; BJÖRK e KAUPPINEN-RÄISÄNEN, 2011; SCHROEDER *et al.*, 2013; SHARIFPOUR, WALTERS e RITCHIE, 2014; ADAM, 2015; KHAN, CHELLIAH e AHMED, 2017). As situações de risco foram avaliadas a partir de uma escala do tipo *likert* de 1 (muito improvável) a 7 (muito provável).

A distribuição do questionário foi *online* utilizando o sistema de bola de neve, a partir de contactos iniciais que depois encaminharam o *link* do mesmo para grupos de amigos e blogues específicos. Foi possível obter 382 respostas válidas, este número apresenta-se adequado ao cumprimento dos objectivos do trabalho considerando os autores Hair *et al.* (1998) que asseguram que o número de observações, para população infinita, variam entre os 200 e 400.

A validação do questionário foi efectuada através de um pré-teste que ocorreu em Março de 2019 aplicado a um grupo de especialistas da área de turismo constituído por docentes, investigadores e profissionais de turismo de Moçambique. Com base nos resultados do pré-teste foram efectuadas pequenas alterações no questionário, nomeadamente em termos de organização e redacção das questões.

Tendo como base os mercados turísticos internacionais de Moçambique, o questionário foi primeiro elaborado em português e depois traduzido para as seguintes línguas: inglês, francês, espanhol e mandarim recorrendo a tradutores nativos. A recolha de dados foi realizada durante 7 meses, de Abril a Outubro de 2019, o anonimato do respondente foi garantido uma vez que o questionário foi divulgado *online*, eliminando o viés do entrevistador e a probabilidade de se obterem respostas socialmente desejáveis.

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada com

recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS v.25). Com o objectivo de identificar os factores determinantes da percepção de Moçambique como destino turístico foi realizada uma análise factorial exploratória. Através da Análise de Componentes Principais (ACP) do conjunto de variáveis de escala dos 29 atributos de avaliação do risco percebido foi possível agrupá-los em seis factores que passaremos a apresentar de seguida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objectivo de identificar os principais factores da percepção do risco que os turistas internacionais têm de Moçambique como destino turístico, foi aplicado um questionário online, como referido anteriormente, cujos resultados das 382 respostas são apresentados de seguida.

Perfil da amostra

A amostra é razoavelmente equilibrada em relação ao género (os homens representam 43,7% da amostra). A maioria dos respondentes tem ensino superior (88,2%), são trabalhadores por conta de outrem (76,3%) e possuem uma renda mensal líquida per-capita entre €500 a €3000 (78,4%), Tabela 1.

TABELA 1: Características sociodemográfica da amostra

Características	%	Características	%
Sexo		Situação perante emprego	
Feminino	56,3	Empregado	76,3
Masculino	43,7	Outra	23,7
Habilitações literárias		Rendimento Mensal	
Com ensino Superior	88,2	até 1000 Euros	33
Sem ensino superior	11,8	1001-300 Euros	45,8
Estado civil		Mais de 3001 Euros	21,2
Casado/União de facto	59,8	País de residência	
Solteiro/divorciado/viúvo	40,2	Europa	63,6
		Africa	18,9
		América	12,6
		Austrália- Ásia	4,9

Factores da percepção de riscos de Moçambique como destino turístico

Os 29 itens para medir a percepção de riscos de Moçambique foram objecto de uma ACP com o objectivo de identificar as dimensões de riscos. A partir desta análise foram identificados seis factores da percepção de riscos que explicam cerca de 66% da

variação dos itens de riscos associado ao destino. Os resultados desta ACP revelam que esta análise é adequada com base nos valores de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), teste de *Bartlett*, bem como na comunalidade. Além disso, os valores do alfa de *Cronbach*, indicam uma boa consistência interna dos factores encontrados (Tabela 2).

TABELA 2: ACP dos atributos/situações da percepção de risco

Atributos /situações de percepção de risco	Média	Comunalidades	Factores determinantes da percepção de risco					
			Risco psicológico, barreiras culturais e ambiente natural hostil	Crisis de origem políticas, económicas, sociais e naturais	Acesso a infra-estruturas gerais e de turismo com padrões de qualidade	Desempenho de serviços de transporte	Reputação do destino (Corrupção e crime generalizado)	Relação preço - qualidade e satisfação
Prejudicar a minha auto-imagem	1,74	0,734	0,84					
Os residentes serem pouco amigáveis	2,15	0,685	0,79					
Receber desaprovação de amigos e familiares pela escolha do destino	2,02	0,564	0,694					
Perder-me e não conseguir comunicar devido a barreiras linguísticas	2,52	0,521	0,683					
A viagem ser uma perda de tempo	1,68	0,746	0,668					0,391
Ter uma experiência decepcionante	2,32	0,629	0,637					0,403
Ocorrerm problemas e conflitos devido a diferenças culturais	2,64	0,566	0,609					
O ambiente natural ser hostil	2,61	0,581	0,568			0,358		
Ser atacado por um animal selvagem	2,39	0,572	0,523	0,41	0,328			
Ocorrerm guerras em Moçambique ou num país vizinho	2,87	0,779		0,825				
Ser envolvido em conflitos políticos	2,78	0,728		0,792				
Ser envolvido num ataque terrorista	2,39	0,666	0,393	0,654				
Ser vítima de um rapto	3,24	0,681		0,628			0,345	
Ser vítima de uma catástrofe natural	3,32	0,568		0,578			0,344	
Não ter acesso a água potável	3,34	0,73		0,347	0,752			
Ter problemas relacionados com a alimentação	3,45	0,745		0,329	0,739			
Existir falta de limpeza e higiene	3,83	0,705			0,693		0,304	
Existirem dificuldades de comunicação (Internet, telefone)	4,23	0,568			0,603	0,342		
Ficar doente, contrair malária ou outra doença infecciosa	4,12	0,588		0,318	0,59			
Existirem unidades de alojamento com baixos padrões de qualidade	4,04	0,599			0,56	0,492		
Existirem atrasos nos transportes (voos, transferes, táxis)	3,88	0,699				0,806		
Perder a bagagem	3,73	0,725				0,778		
Existirem Problemas mecânicos no transporte turístico	4,49	0,727				0,768		
Existir a possibilidade de envolver-se num suborno para resolver algo pontual durante a estadia	4,21	0,601					0,698	
Ter um acidente de viação	3,42	0,665	0,339			0,317	0,633	
Ser vítima de um crime generalizado (assédios, roubos e assaltos na rua)	4,13	0,655		0,43			0,532	
A viagem ser mais dispendiosa do que para outro destino internacional	3,4	0,675						0,772
Ter receio que será dinheiro mal gasto	2,11	0,73	0,534					0,63
Ter despesas inesperadas	3,7	0,563						0,559
Eigenvalues			10,852	2,917	1,797	1,269	1,13	1,03
Variance explained (%)			37,422	10,059	6,196	4,375	3,897	3,553
Cumulative variance explained (%)			37,422	47,481	53,677	58,052	61,949	65,502
Cronbach			0,893	0,864	0,866	0,822	0,706	0,699
Mean			2,2343	2,9247	3,8214	4,0558	3,9184	3,0686

Notas: KMO = 0,927, Bartlett's Test of Sphericity = 6210,651 (sig = 0,000)

Considerando a escala de sete pontos utilizada para avaliar as situações de risco assumimos que todas aquelas que receberam pontuação média abaixo de 3,5 são as que os inquiridos avaliam como muito improvável a improvável que ocorram, por outro lado as que receberam pontuação média acima de 3,5 são as que os inquiridos avaliam como provável a muito provável que ocorram.

De uma forma geral, os factores determinantes da percepção de riscos “desempenho dos serviços de transporte” (média = 4,0558), “reputação do destino” (3,9184) e “acesso a infra-estruturas gerais e de turismo com padrões de qualidade” (3,8214) incluem as situações de risco avaliadas como mais prováveis de ocorrer. Em contrapartida, os factores “Relação preço - qualidade e satisfação” (3,0686), “Crises de origem políticas, económicas, sociais e naturais” (2,9247) e “Risco psicológico, barreiras culturais e ambiente natural hostil” (2,2343) incluem as situações de risco avaliadas como menos prováveis de acontecer. Passaremos de seguida a analisar cada um dos factores identificados, na sequência em que foram apresentados neste parágrafo, para compreender a avaliação das 29 situações de risco.

Desempenho dos serviços de transporte

Este factor é constituído por três situações de risco todos com avaliações acima de 3,5, nomeadamente “Existirem problemas mecânicos nos transportes turísticos” (4,49), “existirem atrasos nos transportes” (3,88) e perder a bagagem (3,73). Corroborando com resultados de estudos efectuados em destinos, essencialmente, africanos e asiáticos, como por exemplo George (2010); Morakabati, Fletcher, e Prideaux (2012); Weifeng (2005) e Williams e Baláz (2013) que integram estas situações na dimensão de risco de funcionamento e ou desempenho e avaliam como sendo o risco com maior impacto no processo decisivo dos turistas.

Os transportes aéreos e rodoviários são os principais meios de entrada internacional em Moçambique assim como para as ligações domésticas (INE, 2019). No entanto, o acesso a diferentes destinos turísticos obriga os viajantes a fazer uma avaliação prévia dos custos e benefícios das visitas programadas, uma vez que o elevado custo das passagens aéreas associadas a fraca rede rodoviária torna o turismo menos competitivo em Moçambique comparando com países da região (MOZEFO, 2015). As ligações aéreas de longa distância são dominadas por operadores estrangeiros, a única companhia aérea nacional em cooperação com operadores estrangeiros oferece ligações internacionais limitadas. Em termos de ligações domésticas, a transportadora nacional continua a dominar a sua operação. Em ambos casos, o custo da tarifa aérea é elevado. A entrada de companhias aéreas privadas para voos domésticos continua a ser incipiente e, por conseguinte, tem pouco impacto no mercado interno. Neste contexto, o transporte rodoviário tornou-se o modo de deslocação mais comum de e para o território moçambicano, representando 63% do total de chegadas internacionais, das quais 93% utilizam o seu próprio carro (MICULTUR, 2015a). Esta é uma oportunidade para diversificar o produto oferecendo itinerários turísticos ao longo das principais rotas turísticas. No entanto, as condições gerais de segurança das estradas (falta de sinalização e manutenção) abrem precedentes aos acidentes rodoviários (AZEVEDO, 2013). Todos estes aspectos acabam por tornar o turismo mais caro em Moçambique e podem contribuir para uma percepção de elevados riscos financeiros.

Reputação do destino (corrupção e crime generalizado)

Este factor também é constituído por três situações de risco, dos quais “Existir a possibilidade de envolver-se num suborno para resolver algo pontual durante a estadia” (4,1), “Ser vítima de um crime

generalizado (assédios, roubos e assaltos na rua)” (4,13) foram avaliados como mais prováveis de acontecer durante a estadia em Moçambique e “Ter um acidente de viação” (3,42) seria a situação menos provável de acontecer.

A reputação de destinos é discutida tendo em conta três princípios: (i) comunicação, envolve o que os turistas falam através de representações que evidenciam a cultura, (ii) avaliação, relacionado com o julgamento que o turista faz dos produtos e serviços e (iii) distinção, inclui o que diferencia um destino do outro (COELHO e GOSLING, 2015). Portanto, as situações identificadas neste estudo concorrem para reforçar as percepções estereotipadas que as pessoas têm de destinos africanos (ALI, SHAH e KHAN, 2018; AVRAHAM e KETTER, 2017; BROWN, 2000; FERREIRA, 1999; KHAN, KHAN, AMIN e CHELLIAH, 2020; MLOZI, 2014; SHAW, 2010). Estas percepções são influenciadas, por um lado, pela informação divulgada nos media (AVRAHAM, 2013; DONALDSON e FERREIRA, 2007; GEORGE, 2013; KETTER e AVRAHAM, 2010; KING e BEETON, 2006; MBAIWA, 2006; SHARPLEY, 2017), por outro lado, pelos relatos nas redes sociais de experiências vividas pelos turistas nos destinos (de las HERAS-PEDROSA, MILLAN-CELIS, IGLESIAS-SÁNCHEZ e JAMBRINO-MALDONADO, 2020; PALAZZO, VOLLERO, VITALE e SIANO, 2021; PALAZZO *et al.*, 2020). De uma forma geral, o turismo é uma indústria dependente da reputação (DARWISH e BURNS, 2019), uma vez que os potenciais viajantes, sem experiência prévia de um destino, enfrentam certos riscos ao determinar as suas opções de viagem. Neste caso, a percepção clara sobre a reputação de um destino ajuda a minimizar o risco de experiências de viagem insatisfatórias.

Acesso às infra-estruturas gerais e de turismo com padrões de qualidade

Este factor integra seis situações de risco, dentre as quais quatro delas tiveram uma

avaliação média superior a 3,5 pontos, nomeadamente, “Existirem dificuldades de comunicação (Internet, telefone)” (4,23), “Ficar doente, contrair malária ou outra doença infecciosa (4,12), “Existirem unidades de alojamento com baixos padrões de qualidade” (4,04) e “Existir falta de limpeza e higiene” (3,83). As outras duas situações de risco “Ter problemas relacionados com a alimentação” (3,45) e “Não ter acesso a água potável” (3,34) receberam uma avaliação média inferior a 3,5 pontos, estas estão muito associadas à questão de contrair doenças e ter dificuldade de ter acesso aos serviços de saúde. Embora, o receio de contrair doenças como a malária ou outras doenças infecciosas tenha sido considerado como uma das situações com um peso significativo na percepção de risco em estudos anteriores (BEHRENS, NEAVE e JONES, 2015; MICULTUR, 2015b; VAN HERCK *et al.*, 2004), neste estudo teve uma pontuação mais baixa quando comparado com situações, como por exemplo, a possibilidade de existir dificuldades de comunicação (Internet, telefone).

Estudos anteriores mostram que o acesso a comunicação é considerado um dos elementos-chave na decisão de escolha de destinos turísticos, pela necessidade do indivíduo se manter conectado com os seus amigos e familiares quer para partilhar experiências positivas vivenciadas no destino (CAHYANTO e LIU-LASTRES, 2020; MIZRACHI e FUCHS, 2016; MLOZI, 2014) quer como um meio de redução de risco (WANG, LIU-LASTRES, RITCHIE, e PAN, 2019; WANTONO e MCKERCHER, 2020) caso o turista se encontre numa situação de risco. Neste sentido, a qualidade das infra-estruturas básicas e de serviço são considerados elementos fundamentais para a reputação do destino por Foroudi *et al.*, (2016), pelo que quando avaliadas negativamente tem implicações desfavoráveis na percepção do destino e nas intenções de visitar o destino em análise.

Em Moçambique, a indústria do turismo é relativamente insignificante quando confrontada com o seu enorme potencial. Além dos hotéis nas principais cidades (Maputo, Beira, Nampula e Tete), a maioria dos alojamentos é composto por alojamentos de praia de pequena escala e outros tipos de estabelecimentos, nomeadamente *bed & breakfast* e pousadas (INDUSTRIAL DEVELOPMENT CORPORATION, 2012; INE, 2016), que oferecem uma qualidade de serviço abaixo dos padrões internacionais. A oferta de serviços de alojamento de maior qualidade, tanto para o mercado geral como para segmentos específicos, e desenvolvida num contexto sustentável, poderia ser uma forma de o destino se destacar entre os concorrentes directos.

Relação preço - qualidade e satisfação

Para avaliar este factor foram definidas três situações, “ter despesas inesperadas” (3,7), “A viagem ser mais dispendiosa do que para outro destino internacional” (3,4) e “ter receio que será dinheiro mal gasto” (2,11). Estes resultados confirmam, de certa forma, a percepção dos preços dos serviços turísticos pouco competitivos em Moçambique. Os turistas internacionais gastam em média por dia cerca de 140 USD, valores relativamente altos quando comparados com os países vizinhos (UNWTO, 2018). Outrossim, a qualidade dos serviços não corresponde ao preço como é evidenciado pela posição 133 que Moçambique ocupa entre 140 países no quesito qualidade de recurso humano (WEF, 2019). Estudos anteriores desenvolvidos por Caber, González-Rodríguez, Albayrak e Simonetti, (2020), Fountain e Cradock-Henry (2020) e Yin *et al.* (2020) indicam que questões relacionadas com qualidade de recursos humanos e preços são sujeitas a manutenção constante por influenciarem a experiência do turista, quer pela positiva como pela negativa.

No mercado globalizado, todos os produtos turísticos competem entre si pelo seu valor

e preço. Embora seja o viajante individual quem toma a decisão, o fluxo de turistas para um determinado destino é em grande parte determinado pela indústria do turismo mundial, representada por operadores turísticos, agentes de viagens e serviços de transporte. Os destinos, por sua vez, podem influenciar a indústria global através de campanhas eficazes e contínuas de marketing e promoção. No entanto, só poderão ter êxito entre a concorrência se apresentarem infra-estruturas de qualidade, recursos humanos qualificados e preços competitivos.

Crises de origem políticas, económicas, sociais e naturais

As cinco situações de risco que integram este factor receberam avaliações abaixo de 3,5 pontos. As possibilidades de “ser vítima de uma catástrofe natural” (3,32) e “ser vítima de um rapto” (3,24) foram as que receberam pontuações mais altas neste factor, enquanto “ocorrerem guerras em Moçambique ou num país vizinho” (2,87), “ser envolvido em conflitos políticos” (2,78) e “ser envolvido num ataque terrorista” (2,39) foram avaliadas como situações menos prováveis de acontecer.

Importa referir que situações de risco como instabilidade política (DENG e RITCHIE, 2018; GEORGE, 2010; KARL e SCHMUDE, 2017; LEPP e GIBSON, 2003; SEABRA, ABRANTES, e KASTENHOLZ, 2014) ou desastres naturais (DENG e RITCHIE, 2018; FUCHS e REICHEL, 2006; GEORGE, 2010; GRAY e WILSON, 2009; WILLIAMS e BALÁŽ, 2013) são geralmente considerados como sendo os mais impactantes na percepção do risco de um destino turístico. Igualmente, a tensão política, o abrandamento das indústrias extractivas e a corrupção (CIP *et al.*, 2016; da SILVA, 2013; MOSCA, 2012; MOZEF, 2015), adicionado aos problemas sociais considerados crónicos, tais como elevadas taxas de mortalidade infantil, doenças epidémicas e acesso deficiente a infra-estruturas básicas (da

SILVA, 2013; ASTILL-BROWN e WEIMER, 2010), foram considerados como os principais factores para a redução significativa das chegadas de turistas em Moçambique. No entanto, neste estudo, estes factores foram avaliados como os menos prováveis de acontecer, portanto não representam riscos para os turistas internacionais que responderam ao nosso questionário.

Risco psicológico, barreiras culturais e ambiente natural hostil

Embora este seja o factor que agrega o maior número de situações de risco todas receberam uma avaliação média abaixo de 3,5 pontos, portanto são pouco a muito pouco prováveis de ocorrerem. Os atributos relacionados com “a viagem ser uma perda de tempo” (1,68) e “Prejudicar a minha auto-imagem” (1,74) foram avaliados como sendo aqueles pouco prováveis de acontecer. Associam-se a estes “receber desaprovação de amigos e familiares pela escolha do destino” (2,02), “ter uma experiência decepcionante” (2,32). Todas estas situações de risco são consideradas para avaliar o risco psicológico, normalmente definido como a probabilidade de uma experiência de viagem prejudicar a auto-imagem ou a personalidade do indivíduo (FUCHS e REICHEL, 2004; JALILVE e SAMIEI, 2012; PARK e REISINGER, 2010; WANTONO e MCKERCHER, 2020), portanto estes sentimentos podem ser evocados após visitar um determinado destino. De uma forma geral os destinos mediáticos pela negativa, principalmente associados a crises políticas e violação dos direitos humanos, tendem a ser percebidos como destinos de alto risco psicológico (ASCHAUER, 2010; RASHID e ROBINSON, 2010).

As outras situações de risco integradas neste factor, nomeadamente, “Os residentes serem pouco amigáveis” (2,15), “Perder-me e não conseguir comunicar devido a barreiras linguísticas” (2,52), “Ocorrerem problemas e conflitos devido a diferenças

culturais” (2,64) são considerados atributos para avaliar o risco social e ou cultural. Isto é, a possibilidade do turista

enfrentar barreiras culturais, como dificuldades de comunicação, má interpretação cultural, falta de capacidade de adaptação a um modo de vida e padrões locais (HE *et al.*, 2013; PARREY, HAKIM e RATHER, 2019; REISINGER e MAVONDO, 2006; ROEHL e FESENMAIER, 1992). Contudo neste caso não são situações consideradas relevantes para a percepção do risco do destino.

Para além dos factores ora mencionados, este factor integra também dois atributos associados ao ambiente natural do destino, nomeadamente, “O ambiente natural ser hostil” (2,61) e “ser atacado por um animal selvagem” (2,39). Estas duas situações, podem ser consideradas como parte do risco físico ou pessoal que é definido como perigo físico ou ferimento envolvendo uma ameaça direccionada ao bem-estar ou aparência do turista (BJÖRK e KAUPPINEN-RÄISÄNEN, 2011; QUINTAL e POLCZYNSKI, 2012; ROEHL e FESENMAIER, 1992; SCHROEDER *et al.*, 2013). Na verdade, inclui-se nesta categoria de risco físico/pessoal muitas outras situações de risco mencionadas anteriormente, incluindo o risco de contrair doenças, definida por muitos autores como risco de saúde. Portanto o risco de saúde é definida como a probabilidade do turista contrair doenças ou ficar doente durante a viagem ou no destino, inclui-se nesta categoria a contaminação de bacteriana, radioactiva, pragas e outras epidemias que ameaçam a saúde do indivíduo (BJÖRK e KAUPPINEN-RÄISÄNEN, 2011; REISINGER e MAVONDO, 2006a; SCHROEDER *et al.*, 2013). Portanto, torna-se claro que o limite entre os tipos de risco é bastante ténue e complexo.

Neste sentido, UNWTO (1996) categoriza os riscos de acordo com a sua origem: (i) "ambiente humano e institucional fora do sector do turismo" inclui os riscos de

terrorismo, instabilidade, guerra, equipamentos e serviços gerais; (ii) "o sector do turismo e os sectores comerciais conexos" que representam fontes de riscos relacionados com serviços oferecidos a turistas como os risco de equipamento ou desempenho e o de turismo em massa; (iii) "O viajante individual" incluem os riscos pessoais advindo das actividades autónomas e voluntárias, incluindo os físicos, psicológicos, de satisfação, sociocultural e financeiro e, (iv) "Riscos físicos ou ambientais (naturais, climatológicos, epidemiológicos)" como fontes de riscos de saúde. Considerando

esta categorização, os factores de risco com pontuações médias mais altas, nomeadamente "Acesso a infra-estruturas gerais e de turismo com padrões de qualidade", "Desempenho de serviços de transporte" e "Reputação do destino (Corrupção e crime generalizado)", incluindo as respectivas situações de risco, igualmente com maior pontuação neste estudo, ver a Tabela 3, enquadram-se nas duas primeiras categorias de risco. Isto é, a origem das situações de risco mais prováveis de acontecer é atribuída aos ambientes controlados pelos gestores do destino turístico.

TABELA 3: Factores e situações de risco com maior peso na percepção de risco

Factor identificado	Situações de risco avaliadas	Pontuação média
Acesso a infra-estruturas gerais e de turismo com padrões de qualidade	Existirem dificuldades de comunicação (Internet, telefone)	4,23
	Ficar doente, contrair malária ou outra doença infecciosa	4,12
	Existirem unidades de alojamento com baixos padrões de qualidade	4,04
	Existir falta de limpeza e higiene	3,83
Desempenho de serviços de transporte	Existirem atrasos nos transportes (voos, transferes, táxis)	3,88
	Perder a bagagem	3,73
	Existirem problemas mecânicos no transporte turístico	4,49
Reputação do destino (Corrupção e crime generalizado)	Existir a possibilidade de envolver-se num suborno para resolver algo pontual durante a estadia	4,21
	Ser vítima de um crime generalizado (assédios, roubos e assaltos na rua)	4,13
Relação preço - qualidade e satisfação	Ter despesas inesperadas	3,7

O turismo é um sector que vende emoções positivas baseadas em experiências adquiridas em momentos de lazer, relaxamento, rejuvenescimento e contacto com diferentes culturas. Por conseguinte, o seu desenvolvimento deve, em princípio, ter lugar em ambientes seguros e confortáveis. A existência de constrangimentos que, devido às suas características, geram percepções de riscos entre turistas, investidores e outros *stakeholders* do sector, têm um impacto visível no desempenho e competitividade do turismo.

Neste contexto, a análise e avaliação da percepção do risco de um destino turístico é um dos primeiros passos no processo de gestão do risco associado ao turismo (BEIRMAN, 2016; JONAS e

MANSFELD, 2017; KAUSHIK e CHAKRABARTI, 2018), um destino turístico que se afirma preparado para gerir situações de risco, com estratégias de redução de risco bem delineadas e com os recursos necessários terá maior chances de atrair turistas assim como investidores.

A capacidade de redução da percepção do risco associado ao turismo é de interesse para a indústria de turismo assim como para os próprios turistas (JONAS e MANSFELD, 2017). Devido a natureza intangível do produto turístico, os turistas reais e potenciais têm interesse em reduzir possíveis exposições ao risco no processo de decisão e escolha de destinos turísticos (LEPP e GIBSON, 2003, 2008). Neste sentido, vários estudos tentam sistematizar

as estratégias de redução de risco por parte do turista, que incluem a fidelização com o produto ou escolha de destinos que ofereçam produtos e serviços associadas a cadeias internacionais (CHEN, HTAIK, HIELE e CHEN, 2017; CRUZ-MILÁN, SIMPSON, SIMPSON e CHOI, 2016; MLOZI e PESÄMAA, 2013; VAN DYK, TKACZYNSKI e SLABBERT, 2019), busca de informação formal credível sobre o destino seleccionado (BJÖRK e KAUPPINEN-RÄISÄNEN, 2011; ERAWAN, KRAIRIT e BA KHANG, 2011; MÄSER e WEIERMAIR, 1998), busca por seguros de viagem (WANG, LIU-LASTRES, RITCHIE e MILLS, 2019) e busca de informação juntos aos turistas experientes nas redes sociais, aliás esta última estratégia está a tornar-se cada vez mais utilizada e percebida como a mais eficaz conforme vários pesquisadores (BJÖRK e KAUPPINEN-RÄISÄNEN, 2011; FUCHS e REICHEL, 2011; SLEVITCH e SHARMA, 2008). Neste sentido, os gestores de destinos turísticos, têm um papel importante na disponibilização e gestão de informação assim como na selecção de fontes de informação, que inclui por exemplo líderes de opinião, *influencers*, *bloggers* (ALRAWADIEH, DINCER, ISTANBULLU DINCER e MAMMADOVA, 2018; BODDY, 2005; BUHALIS e COSTA, 2006; PALAZZO *et al.*, 2021) que, de acordo com Alrawadieh *et al.* (2018) e Jonas e Mansfeld (2017) irão moldar a imagem percebida do destino e consequentemente a percepção do risco pelo turista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria do turismo está cheia de oportunidades, mas também envolve a adaptação a novos desafios em constante evolução. Concorrendo para existência de uma necessidade constante de identificar e explorar mercados de turismo, aproveitar as oportunidades emergentes e criar produtos que permitam aos destinos destacarem-se na oferta de experiências turísticas

exclusivas. Neste contexto, estudos sobre a percepção do risco de um destino turístico, como um dos principais factores influenciadores na escolha e selecção de destinos turísticos são necessários, na medida em que podem fornecer informações estratégicas para subsidiar a gestão e adopção de políticas que estimulem a sustentabilidade e a competitividade de destinos turísticos.

Os resultados do presente estudo, embora em uma escala pequena, apresentam contribuições relevantes para compreender os factores do risco percebidos por turistas internacionais sobre Moçambique como destino turístico. Estes resultados são contribuições muito válidas para a definição de estratégias de desenvolvimento turístico. Neste contexto, foi possível agrupar 29 situações de risco em seis factores determinantes da percepção de risco que explicam cerca que 66% da variação dos itens da percepção do risco do destino. Os factores determinantes da percepção de risco que se destacam incluem “desempenho dos serviços de transporte”, “reputação do destino” e “acesso a infra-estruturas gerais e de turismo com padrões de qualidade”. Factores que incluem situações de risco com origem tanto no sector de turismo como em sectores comerciais conexos assim como em ambiente humano e institucional fora do sector de turismo (UNWTO, 1996). Portanto, estes factores constituem desafios no desenho de estratégias de marketing do destino turístico para mitigação da percepção do risco.

Embora os poucos estudos que analisam destinos africanos consistentemente debatem com a existência de uma percepção de risco generalizada, associada a guerras, instabilidade política, crimes, desastres naturais entre outros e com implicações negativas no fluxo de turistas (BROWN, 2000; FERREIRA, 1999; KHAN, KHAN, AMIN e CHELLIAH, 2020; MLOZI, 2014; SHAW, 2010), os resultados deste estudo

demonstraram que riscos associados a esses factores mostram-se irrelevantes.

Apesar do contributo deste estudo e da metodologia utilizada serem adequados para um estudo desta natureza, algumas limitações são identificadas. Embora se acredite que o meio utilizado para recolha de dados (questionários *online*) não tenha influenciado os resultados do estudo, uma vez que os respondentes não tiveram dificuldade em responder ao questionário, reconhece-se a possibilidade de o mesmo representar uma limitação da presente pesquisa. Uma vez que o intervalo de tempo para obtenção de resposta foi relativamente longo e a taxa de respostas relativamente baixa se comparado com aplicação de questionário presencial. Além disso, apesar das contribuições do estudo, o seu escopo foi restrito a um destino turístico e à análise dos factores da percepção do risco.

A pesquisa sobre a percepção do risco, principalmente de destinos africanos, é relativamente recente, portanto mais pesquisas são necessárias. Existem ainda muitas oportunidades de pesquisas futuras sobre destinos turísticos africanos, tratando-se de destinos com potenciais turísticos adormecidos e alguns deles com pouca expressão na indústria em causa. As diferenças na percepção do risco podem ser analisadas com maior profundidade, integrando factores de risco específicos que possam explicar as relações e variações entre o perfil do turista (internacional e doméstico) e os atributos do destino particularmente valorizados para acções de marketing. Além disso, as abordagens de pesquisa qualitativa podem ser interessantes para entender melhor os factores de risco subjacentes, que não são tão óbvios ou fáceis de categorizar. A escassez de estudos nessa área, particularmente sobre Moçambique, abre muitas oportunidades para pesquisas adicionais que fornecem informações úteis para o desenvolvimento de políticas de marketing de turismo.

AGRADECIMENTOS

A autora é muito grata aos familiares e amigos de todas as esferas da vida que, de forma directa ou indirecta, cooperaram nesta pesquisa, aos colegas e estudantes que apoiaram no processo do desenho do instrumento de recolha de dados, às orientadoras da Universidade de Aveiro que vezes sem conta deram contribuições muito valiosas para este trabalho e à Fundação Calouste Gulbenkian pela bolsa de estudos para frequência do programa de doutoramento em Turismo da Universidade de Aveiro- Portugal.

REFERÊNCIAS

- ADAM, I. Backpackers' risk perceptions and risk reduction strategies in Ghana. **Tourism Management**, v.49, p. 99–108, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.02.016>
- ALI, Y., SHAH, Z. A., & KHAN, A. U. Post-terrorism image recovery of tourist destination: a qualitative approach using Fuzzy-VIKOR. **Journal of Tourism Analysis**, v.25, n.2, p. 129–153, 2018. <https://doi.org/10.1108/JTA-05-2018-0016>
- ALRAWADIEH, Z., DINCER, M. Z., ISTANBULLU DINCER, F., & MAMMADOVA, P. Understanding destination image from the perspective of Western travel bloggers: the case of Istanbul. **International Journal of Culture, Tourism, and Hospitality Research**, v.12, n.2, p.198–212, 2018. <https://doi.org/10.1108/IJCTHR-12-2017-0124>
- AMORIM, E., SOARES, C., & TARLOW, P. **Segurança: Um desafio para os setores de lazer, viagens e turismo**. Tomar. (Instituto Politécnico de Tomar/Escola Superior de Gestão de Tomar, Ed.), 2015.
- ASCHAUER, W. Perceptions of tourists at risky destinations. A model of psychological influence factors. **Tourism Review**, v.65 (n.2), p.4–20, 2010. <https://doi.org/10.1108/16605371011061589>
- ASTILL-BROWN, J., & WEIMER, M.

- Mozambique: Balancing Development, Politics and Security.** In Chatham House (Issue August). Chatham House, 2010.
- AVRAHAM, E. Crisis Communication, Image Restoration, and Battling Stereotypes of Terror and Wars: Media Strategies for Attracting Tourism to Middle Eastern Countries. **American Behavioral Scientist**, v.57, n.9, p. 1350–1367, 2013. <https://doi.org/10.1177/0002764213487733>
- AVRAHAM, E., & KETTER, E. **Media Strategies for Marketing Places in Crisis: Improving the images of cities, countries and tourist destination.** Oxford - UK: Elsevier Ltd, 2008.
- AVRAHAM, E., & KETTER, E. Destination image repair while combatting crises: tourism marketing in Africa. **Tourism Geographies**, v.19, n.5, p.780–800, 2017. <https://doi.org/10.1080/14616688.2017.1357140>
- AZEVEDO, H. A. M. A. De. Turismo em Moçambique: Trajetórias, tendências e desafios. **Revista Internacional Em Língua Portuguesa: Turismo**, v.III, n.26, p.149–162, 2013.
- BAKER, D. The Effects of Terrorism on the Travel and Tourism Industry. **International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage**, v.2, n.1, p.58–67, 2014. <https://doi.org/10.21427/D7VX3D>
- BATEY, E. Custo económico do conflito em moçambique: Avaliação do Impacto económico do conflito no sector do Turismo. USAID-Moçambique- Programa de Apoio Para o Desenvolvimento Económico, v.78, 2014.
- BAUER, R. A. Consumer Behavior as risk taking. Hancock, R.S., Ed., *Dynamic Marketing for Changing World*, Proceedings of the 43rd. Conference of The American Marketing Association, p. 389–398, 1960.
- BEHRENS, R. H., NEAVE, P. E., & JONES, C. O. H. Imported malaria among people who travel to visit friends and relatives: Is current UK policy effective or does it need a strategic change? **Malaria Journal** v.14, n.1, p. 1–6, 2015. <https://doi.org/10.1186/s12936-015-0666-7>
- BEIRMAN, D. **Tourism Risk, Crisis and Recovery Management Guide.** Sidney: CATO - Council of Australian tour operator, p.38, 2016.
- BJÖRK, P., & KAUPPINEN-RÄISÄNEN, H. The Impact of Perceived Risk on Information Search : A Study of Finnish Tourists. **Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism**, v. 11, n.3, p. 306–323, 2011. <https://doi.org/10.1080/15022250.2011.593358>
- BODDY, C. Qualitative Market Research. **An International Journal**, v.8, n.3, p. 248–255, 2005.
- BROWN, D. O. D. O. Political risk and other barriers to tourism promotion in Africa: Perceptions of US-based travel intermediaries. **Journal of Vacation Marketing**, v.6, n.3, p.197–210, 2000. <https://doi.org/10.1177/135676670000600301>
- BUHALIS, D., & COSTA, C. (2006). Tourism management dynamics. In Buhalis, D. & Jorge C. (Eds.), **Tourism Management Dynamics: Trends, Management and Tools.** Oxford: Elsevier Ltd., 2006, pp.245–247. <https://doi.org/10.4324/9780080455907>
- CABER, M., GONZÁLEZ-RODRÍGUEZ, M. R., ALBAYRAK, T., & SIMONETTI, B. Does perceived risk really matter in travel behaviour? **Journal of Vacation Marketing**, v.26, n.3, p.334–353, 2020. <https://doi.org/10.1177/1356766720927762>
- CAHYANTO, I., & LIU-LASTRES, B. Risk perception, media exposure, and visitor’s behavior responses to Florida Red Tide. **Journal of Travel and Tourism Marketing**, v.37, n.4, p.447–459, 2020. <https://doi.org/10.1080/10548408.2020.1783426>

- CHEN, J. V., HTAIK, S., HIELE, T. M. B., & CHEN, C. Investigating International Tourists' Intention to Revisit Myanmar Based on Need Gratification, Flow Experience and Perceived Risk. **Journal of Quality Assurance in Hospitality and Tourism**, v. 18, n.1, p.25–44, 2017. <https://doi.org/10.1080/1528008X.2015.1133367>
- CHEW, E. Y. T., & JAHARI, S. A. Destination image as a mediator between perceived risks and revisit intention: A case of post-disaster Japan. **Tourism Management**, v. 40, p.382–393, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.07.008>
- CIP, CMI, & U4. **Os Custos da Corrupção para a Economia Moçambicana**: Porquê é que é importante combater a corrupção num clima de fragilidade fiscal. Maputo: Centro de Integridade Pública, p.104, 2016
- COELHO, M. D. F., & GOSLING, M. Em Busca da Definição de Reputação de Destinos Turísticos : significados e temas associados a partir da visão de profissionais. **Turismo em Análise**, v.26, p.262–281, 2015.
- CRUZ-MILÁN, O., SIMPSON, J. J., SIMPSON, P. M., & CHOI, W. Reassurance or reason for concern: Security forces as a crisis management strategy. **Tourism Management**, v.56, p.114–125, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.04.002>
- CUI, F., LIU, Y., CHANG, Y., DUAN, J., & LI, J. An overview of tourism risk perception. **Natural Hazards**, v.82 (n.1), p.643–658, 2016. <https://doi.org/10.1007/s11069-016-2208-1>
- DARWISH, A., & BURNS, P. Tourist destination reputation: an empirical definition. **Tourism Recreation Research**, v.44, n.2, p.153–162, 2019. <https://doi.org/10.1080/02508281.2018.1558754>
- da SILVA, M. A. Moçambique: Paz ameaçada? In **IMVF Debates** (n.4), p.1–15, 2013.
- de las HERAS-PEDROSA, C., MILLAN-CELIS, E., IGLESIAS-SÁNCHEZ, P. P., & JAMBRINO-MALDONADO, C. Importance of social media in the image formation of tourist destinations from the stakeholders' perspective. **Sustainability** (Switzerland), v.12, n.10, p.1–27, 2020. <https://doi.org/10.3390/su12104092>
- MOÇAMBIQUE. Decreto Presidencial N°9/2000 de 23 de Maio define as atribuições e competências do Ministério do Turismo, Pub. L. No. Boletim da República: Série I, N° 20, 2 (2000). Disponível em: <https://gazettes.africa/archive/mz/2000/mz-government-gazette-series-i-supplement-dated-2000-05-23-no-20.pdf>. Acesso em 17/08/2022.
- DENG, R., & RITCHIE, B. W. International university students' travel risk perceptions: An exploratory study. **Current Issues in Tourism**, v.21, n.4, p.455–476, 2018. <https://doi.org/10.1080/13683500.2016.1142939>
- DOLNICAR, S. Understanding Barriers to Leisure Travel: Tourists Fears as a Marketing Basis. **Journal of Vacation Marketing**, v.11, n.3, p.197–208, 2005. <https://doi.org/10.1177/1356766705055706>
- DONALDSON, R., & FERREIRA, S. Crime, perceptions and touristic decisionmaking: Some empirical evidence and prospects for the 2010 World Cup. **Politikon**, v.34, n.3, p.353–371, 2007. <https://doi.org/10.1080/02589340801962841>
- ERAWAN, T., KRAIRIT, D., & BA KHANG, D. Tourists' external information search behavior model: the case of Thailand. **Journal of Modelling in Management**, v.6, n.3, p.297–316, 2011. <https://doi.org/10.1108/17465661111183702>
- FAULKNER, B. Towards a framework for tourism disaster management. **Tourism**

- Management**, v.22, p.135–147, 2001.
- FERREIRA, S. L. A. Crime: A threat to tourism in South Africa. **Tourism Geographies**, v.1, n.3, p.313–324, 1999. <https://doi.org/10.1080/14616689908721324>
- FLOYD, M. F., & PENNINGTON-GRAY, L. Profiling risk perceptions of tourists. **Annals of Tourism Research**. V.31, n.4, p.1051–1054, 2004. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2004.03.011>
- FOROUDI, P., GUPTA, S., KITCHEN, P., FOROUDI, M. M., & NGUYEN, B. A framework of place branding, place image, and place reputation: Antecedents and moderators. **Qualitative Market Research**, v.19, n.2, p.241–264, 2016. <https://doi.org/10.1108/QMR-02-2016-0020>
- FOUNTAIN, J., & CRADOCK-HENRY, N. Recovery, risk and resilience: Post-disaster tourism experiences in Kaikōura, New Zealand. **Tourism Management Perspectives**, v.35, (100695), 2020. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2020.100695>
- FUCHS, G., & REICHEL, A. Cultural differences in tourist destination risk perception: An exploratory study. **Tourism (Zagreb)**, v.52, n.1, p.21–37, 2004.
- FUCHS, G., & REICHEL, A. Tourist destination risk perception: The case of Israel. **Journal of Hospitality and Leisure Marketing**, v.14, n.2, p.83–108, 2006. https://doi.org/10.1300/J150v14n02_06
- FUCHS, G., & REICHEL, A. An exploratory inquiry into destination risk perceptions and risk reduction strategies of first time vs. repeat visitors to a highly volatile destination. **Tourism Management**, v.32, n.2, p.266–276, 2011. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.01.012>
- GEORGE, R. Visitor perceptions of crime-safety and attitudes towards risk: The case of Table Mountain National Park, Cape Town. **Tourism Management**, v.31, n.6, p.806–815, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2009.08.011>
- GEORGE, R. International tourists' perceptions of crime-risk and their future travel intentions during the 2010 FIFA World Cup™ in South Africa. **South African Journal of Business Management**, v.44, n.1, p. 47–60, 2013. <https://doi.org/10.4102/sajbm.v44i1.147>
- GIZ. (2017). **Prevenção de Catástrofes em Moçambique**. Projecto de Cooperação Trilateral Brasil-Moçambique-Alemanha. Eschborn: Fundo regional de promoção da cooperação trilateral na América Latina e Caribe, p.2, 2017.
- GÖSSLING, S., SCOTT, D., & HALL, C. M. Pandemics, tourism and global change: a rapid assessment of COVID-19. **Journal of Sustainable Tourism**, v.29, n.1, p.1–20, 2020. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1758708>
- GRAY, J. M., & WILSON, M. A. The relative risk perception of travel hazards. **Environment and Behavior**, v.41, n.2, p.185–204, 2009. <https://doi.org/10.1177/0013916507311898>
- HAIR, J. F., BLACK, W. C., BABIN, B. J., & ANDERSON, R. E. **Multivariate Data Analysis with Readings**. Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs N.J.: Prentice Hall, 1998. <https://doi.org/10.1038/259433b0>
- HE, L., PARK, K., & ROEHL, W. S. Religion and perceived travel risks. **Journal of Travel and Tourism Marketing**, v. 30, n. 8, p. 839–857, 2013. <https://doi.org/10.1080/10548408.2013.835674>
- HONG, W. C. **Competitiveness in the Tourism Sector: A comprehensive approach from economic and management points**. In Contributions to Economics. Physica-Verlag, pp. 1–143, 2008. https://doi.org/10.1007/978-3-7908-2042-3_1
- INDUSTRIAL DEVELOPMENT CORPORATION. **Tourism Report :The**

- business hotel industry in select East and West African countries. Department of Research and Information, May, 14–15, 2012.
- INE. **Estatísticas do Turismo 2014-2016**. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, Republica de Moçambique, 2016.
- INE. **Anuário Estatístico**. Maputo: Instituto Nacional de Turismo, 2019.
- INE. **Resultados do inquérito sobre Impacto da COVID-19 nas empresas**: Abril- Junho de 2020. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2020.
- INGC. **A recuperação de cheias recorrentes 2000-2013**. Maputo: GFDRR, World Bank Group and UNDP, 2014.
- JALILVAND, M. R., & SAMIEI, N. Perceived risks in travelling to the Islamic Republic of Iran. **Journal of Islamic Marketing**, v.3, n.2, p.175–189, 2012. <https://doi.org/10.1108/17590831211232573>
- JONAS, A., & MANSFELD, Y. Exploring the interplay between the use of risk-related information, risk perception formation, and the stages of travel product consumption. **Current Issues in Tourism**, v.20, n.14, p.1470–1488, 2017. <https://doi.org/10.1080/13683500.2015.1024104>
- KARAMUSTAFA, K., FUCHS, G., & REICHEL, A. Risk Perceptions of a Mixed-Image Destination: The Case of Turkey's First-Time Versus Repeat Leisure Visitors. **Journal of Hospitality Marketing and Management**, v 22, n.3, p. 43–268, 2013. <https://doi.org/10.1080/19368623.2011.641709>
- KARL, M., & SCHMUDE, J. Understanding the role of risk (perception) in destination choice: A literature review and synthesis. **Tourism**, v.65, n.2, p.138–155, 2017.
- KAUSHIK, A. K., & CHAKRABARTI, D. Does perceived travel risk influence tourist's revisit intention? **International Journal of Business Excellence**, v.15, n.3, p.352–371, 2018. <https://doi.org/10.1504/IJBEX.2018.092575>
- KETTER, E., & AVRAHAM, E. Online tourism marketing for Sub-Saharan African countries: Battling stereotypes of high risk, hostility and underdevelopment. **International Journal of Tourism Policy**, v.3, n.4, 2010. <https://doi.org/10.1504/IJTP.2010.040391>
- KHAN, M. J., CHELLIAH, S., & AHMED, S. Factors influencing destination image and visit intention among young women travellers: role of travel motivation, perceived risks, and travel constraints. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v.22, n.11, p.1139–1155, 2017. <https://doi.org/10.1080/10941665.2017.1374985>
- KHAN, M. J., KHAN, F., AMIN, S., & CHELLIAH, S. Perceived risks, travel constraints, and destination perception: A study on sub-saharan African medical travellers. **Sustainability** (Switzerland), v.12, n.7, p.1–16, 2020. <https://doi.org/10.3390/su12072807>
- KING, R., & BEETON, S. Influence of mass media's coverage of adventure tourism on youth perceptions of risk. **Tourism, Culture and Communication**, v.6, p.161–169, 2006. <https://doi.org/10.3727/109830406778134081>
- KORSTANJE, M. E. The fear of traveling: A new perspective for tourism and hospitality. **Anatolia**, v. 22, n. 2, p. 222–233, 2011. <https://doi.org/10.1080/13032917.2011.597935>
- KOZAK, M., GNOTH, J., & ANDREU, L. **Advances in tourism destination marketing**: Managing networks. New York: Taylor and Francis Group, 2010. <https://doi.org/10.4324/9780203874127>
- LEHTO, X., DOUGLAS, A. C., & PARK, J. Mediating the Effects of Natural Disasters on Travel Intention. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v.23, n.2–4, p.29–43, 2008. <https://doi.org/10.1300/J073v23n02>

- LEPP, A., & GIBSON, H. Tourist Roles, Perceived Risk and International Tourism. **Annals of Tourism Research**, v.30, n.3, p.606–624, 2003. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(03\)00024-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(03)00024-0)
- LEPP, A., & GIBSON, H. Sensation seeking and tourism: Tourist role, perception of risk and destination choice. **Tourism Management**, v.29, n.4, p.740–750, 2008. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2007.08.002>
- LEPP, A., GIBSON, H., & LANE, C. Image and perceived risk: A study of Uganda and its official tourism website. **Tourism Management**, v.32, n.3, p.675–684, 2011. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.05.024>
- LI, J., PEARCE, P. L., MORRISON, A. M., & WU, B. Up in Smoke? The impact of Smog on risk perception and satisfaction of international tourists in Beijing. **International Journal of Tourism Research**, v.18, p.373–386, 2015. <https://doi.org/10.1002/ijc.20267>
- MANSFELD, Y., & PIZAM, A. **Tourism, security, and safety: from theory to practice**. Oxford-UK:Elsevier Inc, 2006. <https://doi.org/10.1016/B978-0-7506-7898-8.50012-6>
- MÄSER, B., & WEIERMAIR, K. Travel decision-making: From the vantage point of perceived risk and information preferences. **Journal of Travel and Tourism Marketing**, v.7, n 4, p.107–121, 1998. https://doi.org/10.1300/J073v07n04_06
- MASLOW, A. H. A theory of human motivation. **Psychological Review**, v.50, n.4, p.370–396, 1943. <https://doi.org/10.1037/h0054346>
- MBAIWA, J. Hosts and guests: **Stereotypes and myths of international tourism in the Okavango Delta**, Botswana. In W. V. Beek & A. Schmidt (Eds.), *African Hosts and their Guests: Cultural Dynamics of Tourism* (pp. 117–136), 2006.
- MICHAEL HALL, C., TIMOTHY, D. J., & DUVAL, D. T. **Security and Tourism: Towards a New Understanding?** In *Safety and Security in Tourism: Relationships, Management, and Marketing*. New York and London:Haworth Hospitality Press. (pp. 1–19), 2003.
- MICULTUR. **Indicadores de referência na área do turismo**. Maputo: Ministério da Cultura e Turismo, (2015a).
- MICULTUR. **Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique (2016-2025)**. Maputo: Ministério Da Cultrura e Turismo, República de Moçambique, (2015b).
- MIZRACHI, I., & FUCHS, G. Should we cancel? An examination of risk handling in travel social media before visiting ebola-free destinations. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v.28, p.59–65, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2016.01.009>
- MLOZI, S. Loyalty program in Africa: Risk-seeking and risk-averse adventurers. **Tourism Review**, v.69, n.2, p.137–157, 2014. <https://doi.org/10.1108/TR-10-2013-0057>
- Mlozi, S., & Pesämaa, O. Adventure tourist destination choice in Tanzania. **Current Issues in Tourism**, v.16, n.1, p.63–95, 2013. <https://doi.org/10.1080/13683500.2011.647807>
- MORAKABATI, Y., FLETCHER, J., & PRIDEAUX, B. Tourism development in a difficult environment: A study of consumer attitudes, travel risk perceptions and the termination of demand. **Tourism Economics**, v.18, n.5, p.953–969, 2012. <https://doi.org/10.5367/te.2012.0162>
- MOSCA, J. **Economia Moçambicana 2001-2010: Um Mix De Populismo Económico E Mercado Selvagem** (114/2012), Lisboa, 2012.
- MOZEFO. Os desafios do turismo em Moçambique: Crescimento, Inovação e diversificação. **MOZEFO – Fórum Económico e Social de Moçambique**,

Maputo, 2015.

PALAZZO, M., VOLLERO, A., VITALE, P., & SIANO, A. Urban and rural destinations on Instagram: Exploring the influencers' role in #sustainabletourism. **Land Use Policy**, v.100, n.10491, p.1-10, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2020.104915>

PALAZZO, M., *et al.* Assessing lake-destination image: insights from the industry side. **Tourism Management**, v.12, n.1, p.1124–1138, 2020. <https://doi.org/10.1080/14616688.2017.1385031>

PARK, K., & REISINGER, Y. Differences in the perceived influence of natural disasters and travel risk on international travel. **Tourism Geographies**, v. 12, n. 1, p. 1–24, 2010. <https://doi.org/10.1080/14616680903493621>

PARREY, S. H., HAKIM, I. A., & RATHER, R. A. Mediating role of government initiatives and media influence between perceived risks and destination image: a study of conflict zone. **International Journal of Tourism Cities**, v.5, n.1, p.90–106, 2019. <https://doi.org/10.1108/IJTC-02-2018-0019>

QI, C. X. C. X., GIBSON, H. J. H. J., & ZHANG, J. J. J. Perceptions of Risk and Travel Intentions : The Case of China and the Beijing Olympic Games. **Journal of Sport and Tourism**, v.14, n.1, p.43–67, 2009. <https://doi.org/10.1080/14775080902847439>

QUINTAL, V. A., & POLCZYNSKI, A. Factors influencing tourists' revisit intentions. **Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics**, v.22, n.4, p.554–578, 2012. <https://doi.org/10.1108/13555851011090565>

RASHID, T., & ROBINSON, N. Crisis and risks in tourism: Death takes a holiday - Debunking the myth of terrorism and its psychological impact on the tourism industry. **International Journal of Tourism Policy**, v.3, n.4, 2010. <https://doi.org/10.1504/IJTP.2010.040393>

REISINGER, Y., & MAVONDO, F. Cultural consequences on traveler risk perception and safety. **Tourism Analysis**, v.11, n.4, p.265–284, 2008. <https://doi.org/10.3727/108354206778814736>

REISINGER, Y., & MAVONDO, F. T. Cultural differences in travel risk perception. **Journal of Travel and Tourism Marketing**, v.20, n.1, p.13–31, 2006. https://doi.org/10.1300/J073v20n01_02

MOÇAMBIQUE. **Plano Director Para Prevenção e Mitigação das Calamidades Naturais**. Conselho de Ministros. Maputo, 2005.

MOÇAMBIQUE. **Estratégia Nacional de Desenvolvimento (2015-2035)**. Maputo, 2014.

MOÇAMBIQUE. **Programa quinquenal do governo 2020-2024**. p.1–61, 2020.

RITCHIE, B. J. R., & CROUCH, G. I. Um modelo de competitividade / sustentabilidade de destinos: Perspectivas brasileiras. **Revista de Administracao Publica**. v.44, n.5, p.1049–1066, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000500003>

RITCHIE, B. W. Chaos, crises and disasters: A strategic approach to crisis management in the tourism industry. **Tourism Management**, v.25, n. 6, p.669–683, 2004. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2003.09.004>

RITCHIE, B. W., CHIEN, P. M., & WATSON, B. M. It Can't Happen to me: Travel Risk Perceptions. **Tourists' Behaviors and Evaluations**, v.9, p. 65–73, 2014.

RITTICHAINUWAT, B. N., & CHAKRABORTY, G. Perceived travel risks regarding terrorism and disease : The case of Thailand. **Tourism Management**, v. 30, n.3, p.410–418, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.08.001>

ROEHL, W. S., & FESENMAIER, D. R. Risk Perceptions and Pleasure Travel: An

- Exploratory Analysis. **Journal of Travel Research**, v.30, n.4, p.17–26, 1992. <https://doi.org/10.1177/004728759203000403>
- SCHROEDER, A., PENNINGTON-GRAY, L., KAPLANIDOU, K., & ZHAN, F. Destination risk perceptions among U.S. residents for London as the host city of the 2012 Summer Olympic Games. **Tourism Management**, v.38, p.107–119, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.03.001>
- SEABRA, C., ABRANTES, J. L., & KASTENHOLZ, E. The influence of terrorism risk perception on purchase involvement and safety concern of international travellers. **Journal of Marketing Management**, v.30, n.9–10, p. 874–903, 2014. <https://doi.org/10.1080/0267257X.2014.934904>
- SHARIFPOUR, M., WALTERS, G., & RITCHIE, B. W. Risk perception, prior knowledge, and willingness to travel: Investigating the Australian tourist market's risk perceptions towards the Middle East. **Journal of Vacation Marketing**, v.20, n.2, p.111–123, 2014. <https://doi.org/10.1177/1356766713502486>
- SHARPLEY, R. Tourism marketing for developing countries: Battling stereotypes and crises in Asia, Africa and the Middle East. **Tourism Management**, v.59, p.108–109, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.07.014>
- SHAW, G. K. **A risk management model for the tourism industry in South Africa**. Potchefstroom Campus, South Africa: North-West University, 2010.
- SLEVITCH, L., & SHARMA, A. Management of perceived risk in the context of destination choice. **International Journal of Hospitality and Tourism Administration**, v.9, n.1, p.85–103, 2008. <https://doi.org/10.1080/15256480801910574>
- SOHN, H., & YOON, Y. Verification of Destination Attachment and Moderating Effects in the Relationship Between the Perception of and Satisfaction with Tourism Destinations : A Focus on Japanese Tourists. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v.33, n.5, p.757–769, 2016. <https://doi.org/10.1080/10548408.2016.1167394>
- SONMEZ, S. F., & GRAEFE, A. R. Determining future travel behavior from past travel experience and perceptions of risk and safety. **Journal of Travel Research**, v. 7, n.2, p.171–177, 1998. <https://doi.org/10.1177/004728759803700209>
- SÖNMEZ, S. F., & GRAEFE, A. R. Influence of terrorism risk on foreign tourism decisions. **Annals of Tourism Research**, v.25, n.1, p.112–144, 1998. [https://doi.org/10.1016/s0160-7383\(97\)00072-8](https://doi.org/10.1016/s0160-7383(97)00072-8)
- UNWTO. **Tourist Safety and Security - Practical Measures for destinations**. Madrid: World Tourism Organization, 1996.
- UNWTO. **Compendium of travel statistic dataset** (Electronic): Mozambique. Madrid: World Tourism Organization, 2018.
- UNWTO. International Arrivals. **World Tourism Barometer**, v.17, n.2, p.1- 4, 2019.
- UNWTO. International tourism. **World Tourism Barometer**, v.18, n.5, p.1–36, 2020. <https://doi.org/10.18111/wtobarometereng.2020.18.1.5>
- VAN DYK, A., TKACZYNSKI, A., & SLABBERT, E. Repeat tourism, destination image and behavioural intentions: implications for sustainable development in South Africa. **Tourism Recreation Research**, v.44, n.3, p.392–398, 2019. <https://doi.org/10.1080/02508281.2019.1637610>
- Van Herck, K., *et al.* Knowledge, Attitudes and Practices in Travel-related Infectious Diseases: The European Airport Survey.

- Journal of Travel Medicine.** v.11, n.1, p.3–8, 2004. <https://doi.org/10.2310/7060.2004.13609>
- WANG, H. Determinants hindering the intention of tourists to visit disaster-hit destinations. **Current Issues in Tourism**, p.1–23, 2015. <https://doi.org/10.1080/13683500.2015.1062471>
- WANG, J., LIU-LASTRES, B., RITCHIE, B. W., & MILLS, D. J. Travellers' self-protections against health risks: An application of the full Protection Motivation Theory. **Annals of Tourism Research**, v.78, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.102743>
- WANG, J., LIU-LASTRES, B., RITCHIE, B. W., & PAN, D. Z. Risk reduction and adventure tourism safety: An extension of the risk perception attitude framework (RPAF). **Tourism Management**, v.74, p. 247–257, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2019.03.012>
- WANTONO, A., & MCKERCHER, B. Backpacking and risk perception: the case of solo Asian women. **Tourism Recreation Research**, v.45, n.1, p.19–29, 2020. <https://doi.org/10.1080/02508281.2019.1636180>
- WEF. **The Travel & Tourism Competitiveness Report 2019**: Travel and Tourism at a Tipping Point. Geneva: World Economic Forum, 2019.
- WEIFENG, T. Risks perceived by mainland Chinese tourists towards Southeast Asia destinations: A fuzzy logic model. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v.10, n.1, p.97–115, 2005. <https://doi.org/10.1080/1094166042000330245>
- WILLIAMS, A. M., & BALÁŽ, V. Tourism, risk tolerance and competences: Travel organization and tourism hazards. **Tourism Management**, v.35, p.209–221, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2012.07.006>
- WOLFF, K., LARSEN, S., & ØGAARD, T. How to define and measure risk perceptions. **Annals of Tourism Research**, v. 79, p. 1–9, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.102759>
- WTTC. **Travel & Tourism Economic Impact 2017 Mozambique**. London: World travel and tourism council, 2017.
- YANG, E. C. L. E. C. L., SHARIF, S. P. S. P., & KHOO-LATTIMORE, C. Tourists' risk perception of risky destinations: The case of Sabah's eastern coast. **Tourism and Hospitality Research**, v.15, n.3, p.206–221, 2015. <https://doi.org/10.1177/1467358415576085>
- YANG, E. C. L., KHOO-LATTIMORE, C., & ARCODIA, C. A systematic literature review of risk and gender research in tourism. **Tourism Management**, v.58, p.89–100, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.10.011>
- YANG, E. C. L., & NAIR, V. Tourism at Risk: A Review of Risk and Perceived Risk in Tourism. **Asia-Pacific Journal of Innovation in Hospitality and Tourism (APJIHT)**, v.3, n.2, 2014. <https://doi.org/10.7603/s40930-014-0013-z>
- YIN, J., CHENG, Y., BI, Y., & NI, Y. Tourists perceived crowding and destination attractiveness: The moderating effects of perceived risk and experience quality. **Journal of Destination Marketing and Management**, v.18, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2020.100489>